

## NOTÍCIA

### **VOZES DA MILITÂNCIA NOVA IGUAÇU NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980**

ADRIANA BASTOS KRONEMBERGER\*

Nesta reflexão pretendo apresentar parte da minha tese de doutoramento em História Social que está sendo produzida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Professor Doutor Luiz Antonio Dias. Inicialmente esta pesquisa objetiva compreender as particularidades das lutas do povo da cidade de Nova Iguaçu nas décadas de 1970 e 1980 ao lado de seu bispo, Dom Adriano Hypólito. Esse religioso nasceu em 1918 em Sergipe e chegou a Nova Iguaçu em 1966, ficando como bispo até 1994. Para a análise desses movimentos sociais estou utilizando como fontes um *corpus* documental que assim se apresenta: Entrevistas com militantes sociais das décadas analisadas e o cotejamento com documentos oficiais e reportagens da imprensa da época; cartas da Diocese de Nova Iguaçu / Comissão Diocesana de Justiça e Paz de 1978 e 1979, Dossiês e relatórios do SNI (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÃO) – Agência Rio de Janeiro e dossiê CEV-Rio- Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, 2015. Além dos documentos oficiais e das

\* Doutoranda em História Social pela PUC/SP / Mestre em História Social pela PUC/SP. Professora na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. ORCID: 0000-0003-3595-7411

entrevistas, também utilizarei o jornal diocesano de Nova Iguaçu denominado *A Folha* e outras publicações dessa diocese. Da mesma forma pretendo trabalhar com entrevistas de Dom Adriano Hypólito, concedidas a jornais e revistas e com os documentários: **Nova Iguaçu, a cidade dos meus olhos** (2003) de Marcus Faustini e **Diocese de Nova Iguaçu: 50 anos de missão** (2013) de Paulo Pereira e Francisco Militão.

As entrevistas seguirão o roteiro indicado pelo modelo metodológico da História oral, no caso, dialogarei com Verena Alberti (2005), que nos diz que a História oral é uma metodologia de pesquisa que consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente, não perdendo de vista toda a discussão acerca da memória (ALBERTI, 2005, p. 155 e 156). Ainda dentro da perspectiva de Alberti (2005), temos a questão da *confiabilidade* do narrador e sua história de vida, pois como qualquer outra fonte, a oralidade também precisa ser fundamentada pelo historiador, que deve estar atento às outras evidências que auxiliam no desenvolvimento do trabalho historiográfico. Com os documentos escritos serão utilizados os seguintes métodos: no trato com a imprensa usarei trabalhos de autores como: Luiz Antonio Dias (2013), Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007), que me ajudarão a compreender os limites, as subjetividades e as intencionalidades constantes nesse tipo de fonte. Na análise dos documentos oficiais e dos discursos de Dom Adriano pretendo seguir o filósofo russo Mikhail Bakhtin (1997) e (2006), que nos fala sobre um olhar dialógico na compreensão do discurso. Também farei uma crítica externa através da análise das formas, da autenticidade e da proveniência dos documentos e uma crítica interna, com

leitura cautelosa dos discursos em diálogo com os trabalhos de outros autores que versaram sobre o tema.

Então justifico essa pesquisa porque me parece oportuno discutir o cotidiano dos militantes dos movimentos sociais de Nova Iguaçu das décadas de 1970 e 1980 porque a realidade conflituosa e dinâmica dessa cidade ainda continua latente nos dias atuais. As análises dos movimentos sociais feitas a partir da memória e da história de seus militantes podem indicar caminhos alternativos para as lutas atuais dessa região.

### **Discussão bibliográfica**

A Baixada Fluminense é formada por vários municípios que tiveram seus processos internos de desenvolvimento urbano iniciados mais intensamente a partir da década de 1930, vinculando-se às políticas desenvolvimentistas de Getúlio Vargas. Contudo, entre as décadas de 1970 e 1980 a região se destacava no cenário político e social brasileiro por causa da violência, mas, paralelamente, despontavam com forte expressão seus movimentos sociais. Essa região já possuía uma tradição de lutas por melhores condições de vida, mas a relação da população com a Igreja Católica, particularmente com o bispo da cidade de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hypólito, proporcionou aos movimentos sociais desse período uma melhor organização e relevância. Dessa forma, neste trabalho vou particularizar a análise na cidade de Nova Iguaçu que, como a grande maioria das cidades periféricas do Brasil, sem possuir uma estrutura urbana adequada, recebeu um grande número de pessoas vindas de várias partes do Brasil na década de 1970, situação que deu origem a uma população

heterogênea e a muitos problemas sociais. Todavia, Dom Adriano Hypólito conseguiu observar um povo singular, mesmo em meio a seus graves problemas sociais e à multiplicidade de seus sujeitos, de suas culturas e identidades:

No Plano Pastoral da Diocese para 1968 se dizia o seguinte: “Em muitas áreas do Brasil a Igreja se depara com situações difíceis, mas talvez em nenhuma parte sejam os problemas tão urgentes, tão impetuosos como na Baixada Fluminense onde a vida explode agressiva e desordenada, primitiva e multiforme (...)” E no Plano Pastoral de 1970: “A Baixada continua difícil. É área-problema de problemas altamente explosivos, concentrados em área restrita. Cidades enormes que não parecem cidades, são dormitórios e subúrbios. Cidades-dormitório que não dormem senão o sono agitado e curto das preocupações primárias. Cidades-subúrbio que incham sem plano e sem beleza. Cidades quase de ninguém, onde as aventuras sucedem no rodízio de aventureiros. E no entanto um povo admirável de força, de coragem, de resistência” (BAIXADA, 1976, s/p) (Grifos do autor).

Nas palavras de Dom Adriano percebemos grave a situação do povo da Baixada Fluminense na década de 1970. Além da falta de infraestrutura das cidades, também não havia empregos para todos, condição que obrigava os moradores a seguirem para a metrópole vizinha, a Cidade do Rio de Janeiro, onde trocavam sua força de trabalho por salários, muitas vezes, muito baixos. Aqui ainda vale destacar que essa população ainda convivía com a violência da delinquência cada vez mais crescente e com as implacáveis ações dos chamados Esquadrões da Morte.

A chegada dos migrantes deu uma nova configuração social à Baixada Fluminense, mas antes de analisar esse evento, ocorrido intensamente nas décadas de 1960 e 1970, reflito aqui sobre a formação anterior do povo da Baixada Fluminense. Para tanto, devo destacar que a história desse povo não deve ser analisada de maneira apartada da história de sua metrópole

vizinha, a Cidade do Rio de Janeiro, pois as duas cidades estão interligadas por fortes relações econômicas e sociais. Portanto, começo com Carvalho (1987) que fala que a Abolição (1888) levou para a Cidade do Rio de Janeiro pessoas provenientes da região cafeeira do estado, sujeitos que faziam parte da mão-de-obra escrava e chegavam para se juntar ao mercado de trabalho livre dessa cidade. Já nas primeiras décadas do século XX, a imigração, a industrialização e a urbanização provocaram grandes transformações nas relações de trabalho e o número de pessoas em ocupações mal remuneradas ou sem ocupação fixa só aumentava, sendo que, parte dessas pessoas foi perseguida, particularmente os negros, capoeiras e bicheiros (CARVALHO, 1987 p. 16, 17 e 18). Nesse ponto Chalhoub (2004), é importante neste trabalho pois discute o conceito de “classes perigosas” e nos diz que desde antes da Proclamação da República a pobreza de um indivíduo já era fato suficiente para torná-lo suspeito: “Por aqui a polícia age a partir do pressuposto de que todo cidadão é suspeito de alguma coisa até provar em contrário e, logicamente alguns cidadãos são mais suspeitos do que outros” (CHALHOUB, 2004, p. 23). Nesse ponto, não podemos perder de vista a situação do povo negro da Cidade do Rio de Janeiro, que convive com uma realidade discriminatória histórica, particularmente por parte de órgãos responsáveis pela segurança pública. A situação do povo negro no início do século XX é muito relevante para a minha pesquisa, pois segundo Goulart (2017): “(...) a Baixada Fluminense é o espaço mais negro do estado do Rio de Janeiro. A Baixada é a Nossa África” (GOULART, 2017, s/p). Essa população perseguida precisava ir para algum lugar distante das vistas das autoridades e das elites da época, então subiam os morros ou se deslocavam para os subúrbios. Na década de 1960 iniciou-se outro aumento

demográfico desordenado na Cidade do Rio de Janeiro, ocasionado pelas migrações, que será agravado nas décadas seguintes e incidirá sobremaneira na formação de uma gigantesca periferia marginalizada.

Como a Cidade do Rio de Janeiro não comportava a chegada acelerada de novos moradores entre as décadas de 1960 e 1970, muitos migrantes se dirigiam para as cidades da Baixada Fluminense, entre as quais Nova Iguaçu. Nesse período a região começava a se tornar conhecida pela violência e era retratada pela imprensa como foco de criminalidade, ou seja, a região que recebia os migrantes mas não oferecia condições básicas de sobrevivência, teve um crescimento demográfico e estrutural caótico e isso se refletiu nos conflitos sociais, sendo a violência a face mais evidente dessa realidade. Na compreensão da violência da região, temos as palavras de Dom Adriano nos anos de 1970: “Cresceu a população e as estruturas ficaram quase as mesmas. O que é negação da comunidade supõe uma certa organicidade social” (ÚLTIMA HORA, 1976, s/p). A “organicidade social” citada pelo bispo me interessa, pois neste trabalho pretendo analisar as particularidades dos movimentos sociais da cidade de Nova Iguaçu e suas relações com a Igreja Católica. Sim, o povo se organizava e motivos não faltavam para a luta por direitos na Baixada Fluminense, vejamos trechos de uma carta da Comissão Diocesana de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu em 1979, dirigida ao então ministro da justiça Petrônio Portela:

(...) A maioria (...) dos loteamentos da Baixada Fluminense são simplesmente criminosos: não têm água, luz, saneamento, escolas (...) Em toda a região, não existe um hospital público (...) Nada menos que dezesseis mil famílias, residentes nos Conjuntos Habitacionais do BNH, vivem (...) face à iminência dos despejos (...) só de uma vez, em um só Conjunto (...) foram realizados mais de 200 despejos violentos, com choques policiais portando metralhadoras, bombas de gás e outras armas (...) Na zona rural, centenas de posseiros (...) despejados (...) Os

sindicatos, na sua quase totalidade, são dominados por pelegos (...) A justiça está emperrada (...) O desemprego e o sub-emprego contribuem para o aumento da criminalidade (...) Menores abandonados perambulam aos bandos pelas ruas da cidade (...) A participação de PMs em assaltos, roubos, sequestros e latrocínios faz com que a população, em vez de respeitar a autoridade (...) passe a temê-la e odiá-la (...) O transporte de massas é deficitário (...) A imprensa registra e publica que os supermercados têm vendidos carne podre à população (...) (AMARAL, 1979, s/p) (Grifos do autor)<sup>1</sup>.

No cenário descrito acima se surgia o trabalho de Dom Adriano Hypólito que como seguidor da Teologia da Libertação desenvolveu uma pastoral voltada para o povo mais humilde, o que o converteu em uma figura de grande expressão nacional (MENEZES, 2016). Mas também foi muito perseguido pela ditadura, pelos Esquadrões da Morte e por parte da própria Igreja. Como exemplos dessas perseguições estão os episódios de 1979, quando algumas igrejas de Nova Iguaçu amanheceraam pichadas com frases ofensivas ao bispo e a explosão de uma bomba na Catedral da cidade. Contudo, o maior ato de violência sofrido pelo bispo ocorreu em 22 de setembro de 1976, quando fora sequestrado e torturado. Sobre isso falou:

Eram seis homens e estavam armados com revólveres. Eles enfiaram um capuz na minha cabeça, me obrigaram a entrar num automóvel, arrancaram minhas roupas e passaram a chutar e pisar meu corpo. Eu estava certo de que iam me matar (...) preparei-me para morrer, enquanto meus sequestradores prosseguiram me submetendo a toda sorte de humilhações. Depois de esguicharem um spray de tinta vermelha sobre meu corpo, me abandonaram algemado e nu, numa rua escura de Jacarepaguá (DANTAS, 1978, p. 149).

---

<sup>1</sup> Trecho da carta da Diocese de Nova Iguaçu /Comissão Diocesana de Justiça e Paz ao então ministro da Justiça, Petrônio Portela, em 13 de novembro de 1979 e assinada pelo advogado Paulo Almeida Amaral, vice-presidente da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu. Retirado do documento BR RJANRIO TT.0.JU, PRO.128 – processo gab no 100.026 – Dossiê. Documento disponível em <[http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/resultado\\_pesquisa\\_new.asp](http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/resultado_pesquisa_new.asp)> (Acesso em 11/01/2018).

Apesar de toda a violência sofrida por Dom Adriano em sua passagem por Nova Iguaçu, ele conseguiu construir uma forte relação entre a Igreja católica e o povo, e assim, nas décadas de 1970 e 1980, os movimentos populares da região ganharam expressão no estado do Rio de Janeiro, mas também por isso eram vigiados pelos agentes do Sistema Nacional de Informação:

A atuação da Diocese de NOVA IGUAÇU vem nos últimos meses atuando junto a vários segmentos da sociedade tendo a frente D. ADRIANO HIPÓLITO (...) com finalidades contestatórias e de incitamento de luta de classes.

Um de seus principais objetivos é induzir as camadas da população de mais baixa renda para uma aglutinação, em Associações (...) visando a consecução de seus objetivos como a casa própria, melhores salários, bem como, a arregimentação e conscientização de novos simpatizantes, contando para isto de amplas instalações (...) e com grande número de ativistas e doutrinadores bem orientados e treinados<sup>2</sup>.

Como visto, Dom Adriano e os movimentos populares eram acompanhados pelos agentes da ditadura e a luta do bispo com o povo era relacionada a um trabalho de doutrinação. A movimentação popular de Nova Iguaçu muito incomodava ao regime militar nos anos de 1970 e 1980 e aqui destaco aqui dois desses movimentos que aparecem nos arquivos do extinto SNI (Serviço Nacional de Informações).

Encontram-se acampados desde o dia 28 de MAI 87, em frente a sede do INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA/RJ (INCRA) no Largo São Francisco, dez das 63 famílias de lavradores despejados da fazenda São Bernardino em Vila de Cava, NOVA IGUAÇU, que estão dispostas a só deixar o local depois de que

---

<sup>2</sup> Doc.: Serviço Nacional de Informações. Agência Rio de Janeiro. Informação N°160/119/ARJ/79. 29 de agosto de 1979. Documento com o assunto: Centro de Formação de Líderes de Nova Iguaçu – Diocese de Nova Iguaçu, p. 4. Disponível em: <<http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

seja desapropriada a área de onde foram expulsas por força de liminar impetrada pelo proprietário das terras (...)³ (Grifos do autor).

O COMITÊ CONTRA O DESEMPREGO – CCD, criado recentemente no Município de NOVA IGUAÇU/RJ, tem como finalidade agrupar entidades religiosas e associações de moradores na luta contra o desemprego. Para tanto, vem realizando, periodicamente, reuniões na Igreja São Simão, em NOVA IGUAÇU/RJ (...) (Grifos do autor)⁴

Como vimos, na década de 1980 a população de Nova Iguaçu estava organizada e contava com a ajuda da Igreja na luta contra a violência e por melhores condições de vida. Contudo, essa cidade continua presente nas manchetes dos jornais policiais e sua realidade ainda reflete os efeitos do crescimento populacional desordenado dos anos de 1970, por isso, analisar as especificidades e as experiências de luta política desse povo, em território e época hostis, pode colaborar nos debates que auxiliem na superação de adversidades materiais, mesmo e mais profundamente em um momento em que direitos sociais, tão exaustivamente conquistados, são ameaçados pela “nova” configuração política e social brasileira. Conhecer os sujeitos que lutaram no passado pode inspirar a luta do presente, visando um futuro menos perturbador.

---

<sup>3</sup> SNI (Serviço Nacional de Informação) – Agência Rio de Janeiro - ACE (Arquivo Cronológico de entrada) No 014782/87. 04 de junho de 1987. Documento disponível no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Fundos/Coleções. Acesso pelo site:<<http://sian.an.gov.br>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

<sup>4</sup> SNI (Serviço Nacional de Informação) – Agência Rio de Janeiro - ACE (Arquivo Cronológico de entrada) No 5795/82. 12 de fevereiro de 1982. Documento disponível no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Fundos/Coleções. Acesso pelo site:<<http://sian.an.gov.br>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

## Fontes

BAIXADA e seus problemas. Movimento, s/p, 23/05/1976.

HYPÓLITO, D. A. O pensamento de Dom Adriano, bispo de Nova Iguaçu. Que crime cometeu esse pastor? **Última Hora**. 24 de setembro de 1976.

\_\_\_\_\_. A ira de Deus na terra da violência. **Revista Playboy**. Outubro De 1978. São Paulo. Entrevista concedida a Audálio Dantas.

## Documentários

FAUISTINI, M. **Nova Iguaçu, a cidade dos meus olhos**. Documentário com a participação dos historiadores Antônio Lacerda e Ney Alberto, MP3 Lyrics, 18 min. 2003. Publicado no <https://www.youtube.com/watch?v=dBQkFSAvHJo> – (acesso em 23 de maio de 2013)

PEREIRA PAULO E MILTÃO FRANCISCO. **Diocese de Nova Iguaçu: 50 anos de missão**, 2013. Este documentário foi publicado <https://www.youtube.com/watch?v=ZbAAqxrNt2c> em setembro de 2013 e exibido na íntegra na Audiência Pública ocorrida nos dias 17 e 18 de setembro de 2013, com a intenção de traçar um panorama da perseguição a religiosos de militância política contra a ditadura e que foi parte do trabalho da CNV (Comissão da Verdade do Rio de Janeiro - CEV-RJ), 48 min. (acesso em 23 de maio de 2013).

## Bibliografia

ALBERTI, V. Fontes Orais – Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**. Editora Contexto. São Paulo: 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, S. **Cidade Febril**. Cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CRUZ, H. de F. e P.; CUNHA, M. do R. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**. n° 35, pp. 253-270, São Paulo, dez. 2007.

DIAS, L. A. Vozes dissonantes: análise do jornal Folha de S. Paulo e de pesquisas do Ibope no golpe civil-militar de 1964. **Verinotio** – revista online de filosofia e ciências humanas Espaço de interlocução em ciências humanas n. 17, Ano IX, abr./2013.

GOULART, F. G. **Baixada Fluminense, Resistências e o Racismo Institucional de todos os dias**. Disponível em <<http://www.canalibase.org.br/baixada-fluminense-resistencias-e-o-racismo-institucional-de-todos-os-dias/>> Acesso em 18/97/2018.

MENESES, A. L. de. **Dom Adriano Hypólito** – Apontamentos biográficos. 2010. Disponível em: <http://domadrianohypolito.blogspot.com.br>. Acesso em 30/09/2016.